

1ª PARTE

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PARTI-
DO NO FOGO ~~ATE~~ FINS DE 1981

EVOLUÇÃO HISTÓRICA DO PARTIDO NO FOGO

ATÉ FINS DE 1981

Antes de 25 de Abril de 1974, não existia na ilha do Fogo uma organização do Partido bem definida que, trabalhando clandestinamente, levasse até à população os principais objectivos da luta que se travava na ex-Guiné-Portuguesa.

Entretanto, várias pessoas escutavam já a Rádio Libertação, emitida a partir da Guiné Conakry, tomando assim conhecimento das contínuas vitórias do PAIGC sobre o exército Português, bem como dos propósitos e palavras de ordem do Partido de Amílcar Cabral.

Aparecem assim simpatizantes que, iludindo a vigilância das autoridades coloniais, realizam encontros informais, fortuitos ou após mil cuidados, trocando informações que, por vezes, eram transmitidas, muito secretamente, a pessoas de absoluta confiança.

Sem ligação conhecida com a Direcção Superior do PAIGC, constituiu-se, por essa via, um "embrião" do Partido cuja acção - conquanto não organizada - não fica despercebida das autoridades coloniais, sempre sensíveis ao "faro" revolucionário. A provar isso, são as frequentes visitas que passam a ser realizadas por Agentes da PIDE-DGS que, mais tarde, instala a sede e respectiva rede clandestina de serviço na ilha do Fogo.

Entretanto, as sementes da luta revolucionária iam sendo lançadas por outra via. É assim que o camarada Isildo Armando Silva, então estudante do curso de Regente-Agrícola em Portugal, aproveitava as suas férias para realizar encontros com alguns estudantes e jovens, pondo-os ao corrente do que se passava na ex-Guiné-Portuguesa e da luta que o nosso Partido travava contra o exército Português. Isto se passava num círculo muito fechado, pois todos sabiam quais poderiam vir a ser as consequências caso fossem descobertos.

Com a eclosão do 25 de Abril de 1974, regressam ao Fogo grupos de estudantes, entre os quais Padre António Fidalgo, Inês Iolanda Brito, Maria Luisa Fonseca Monteiro, etc, que, tirando proveito da abertura política assim criada, deram seguimento aos encontros anteriores, reunindo-se com os jovens do Fogo, mais concretamente de S. Filipe, transmitindo, até onde lhes puderam valer os seus conhecimentos, a mensagem do Partido.

Assim, como vemos, o Partido começa a implantar-se, alargando as fileiras dos seus simpatizantes.

A primeira manifestação pública contra o colonialismo português teve lugar exactamente a 25 de Abril de 1974, em que o camará da Alberto Monteiro de Macedo saiu pelas ruas da cidade com cartazes apoiando a "revolução dos cravos". No entanto, pouco se sabia, logo após o derrube do colonial-fascismo, qual era a dimensão do PAIGC, quais eram os seus objectivos, em resumo, salvo raras excepções, pouco ou nada se sabia do Partido.

Com o 25 de Abril começou desde logo uma mobilização espontânea que, como não podia deixar de ser, mais se manifestava na camada juvenil, a mais sensível, a mais dinâmica e, consequentemente, a mais mobilizável.

Face ao advento de uma nova era política a reacção (inicial) da população fogueense não foi, logicamente, uniforme. Com efeito, no seio da população distinguem-se três grupos ou camadas, a saber: uma camada (na sua maioria jovem) que, logo de início, se mostrou muito eufórica, fazendo propaganda do Partido no seio das massas; outra constituída por defensores mais ou menos intransigentes do regime colonial português quer por terem usufruído de certas prerrogativas do regime prevalecente, quer porque, embora tivessem sofrido os mais horrorosos efeitos da dominação colonial, desconheciam a dimensão política e os objectivos preconizados pelo PAIGC; e, por último, um Grupo heterogéneo, mal definido e vacilante que, devido essencialmente à ignorância cultural e política, ora se punha de um lado, ora de outro, assumindo ainda por vezes posições ambíguas ou de neutralidade e expectativa.

De notar que o grupo simpatizante do Partido, não obstante o seu dinamismo, enfrentou desde logo várias dificuldades. Na sua maior parte era constituído por jovens, cuja acção era, não raras vezes, condicionada pela sua dependência de familiares contrários ou vacilantes em relação à causa da Independência. Por outro lado, o grupo não possuía uma base informativa sobre o Partido; discutia-se e fazia-se o trabalho de propaganda à base do "Manual Político" e de alguns panfletos, dado que não se possuía o Programa e os Estatutos do Partido.

A 8 de Maio do mesmo ano, teve lugar em S. Filipe a segunda manifestação, já com um grupo maior de jovens que, empunhando cartazes e proferindo palavras de ordem de apoio ao PAIGC, marcharam

pelas ruas da cidade e dirigiram-se à Casa Materna, onde na altura funcionava a Escola Preparatória, com o propósito de castigar um português de nome Sapinho, professor da referida Escola acusado de ser informador da PIDE, mas não o conseguiram fazer, visto ter sido defendido por elementos da população.

Vimos atrás que à implantação do Partido no Fogo se opunham obstáculos vários, criados pelos dois últimos grupos referidos. Enquanto o Partido engrossava as suas fileiras, melhorava o trabalho de propaganda e obtinha crescente simpatia da população, o grupo "pró-português" desencadeava, por seu turno, a sua campanha contra o Partido. Definiram os seus planos de actuação e conseguiram arrastar à sua volta elementos das camadas mais necessitadas, que eram, geralmente, as menos informadas e as mais susceptíveis de serem colocadas ao serviço dos "senhores da ilha" com promessas, favores e corrupção.

A agitação continuou e a mobilização ia ganhando expressão proporcionalmente, mas paralelamente ao Partido os saudosistas iam desenvolvendo a sua actividade anti-partidária ganhando assim alguns adeptos. Formaram os seus grupos, a UDC e a UPICV, e criaram os seus órgãos de direcção, mas depois esses dois grupos vieram a unificar-se prevalecendo o nome do segundo.

Em meados de Agosto, chegam a esta ilha, de passagem para S. Vicente, os combatentes Espírito Santo e Adão que fazem uma mobilização importante junto da camada jovem e os encorajam. Reunem-se com todos os simpatizantes, distribuem fotografias, galhardetes, meda-lhas e outros materiais de propaganda do PAIGC. Foi nessa mesma altura que teriam chegado alguns estudantes que iriam dar impulso ao grupo e assim se realizaram as primeiras reuniões com as populações de S. Lourenço e S. Jorge.

O número de simpatizantes é aumentado e continua-se a promover reuniões de esclarecimento no Ciné-Fogo.

Já em Agosto, amplas mobilizações, encabeçadas pelo camarada Olímpio Varela, estavam a ter lugar nos Mosteiros, outro campo de batalha difícil. Resistências e ameaças constantes não faltaram. Mas mesmo assim os camaradas do Partido não se deixaram desvanecer. Destacaram-se camaradas como Antonino Aureliano Teixeira Rodrigues, Remígio Vieira, Travassos Rodrigues, Lucindo José da Rosa, Otélio Gonçalves Rodrigues, Domingos Nicolau Lopes Teixeira e outros.

A administração já estava a sentir-se abalada e o Administrador manifestava-se abertamente contra o Partido, tanto mais que já andava armado.

A 4 de Setembro de 1974, por ocasião de visita à Ilha do Fogo do Governador Silva Horta, realiza-se no Salão Nobre uma sessão em honra daquela autoridade. Por essa ocasião, tanto o grupo dos simpatizantes do PAIGC como o dos saudosistas do colonialismo organizaram manifestações, sendo este último grupo apoiado por pescadores que, devido à sua ignorância, foram convencidos a armarem-se de fiskas, arpões e bicheiras (instrumentos de pesca) para fazerem face aos elementos do Partido impondo a "superioridade" dos "senhores da terra". E estando na varanda os saudosistas a gritar "viva Portugal", surge do lado da Praça João Pais, hoje 4 de Setembro, o grupo do PAIGC, ostentando bandeiras, cartazes e fotografias do camarada Amílcar Cabral, e a gritar vivas ao PAIGC, tendo sido saudado pelo Governador. Uma moção feita por simpatizantes do Partido foi-lhe entregue depois de lida por um dos elementos do Partido.

Mais uma derrota para os UPICV - Udecistas que viram uma vez mais goradas as suas vãs tentativas, convencidos como estavam de que iriam fulminar o grupo do Partido.

Devido ao abalo sofrido pelos UPICV - Udecistas, o ambiente tornou-se tenso e perigoso: os reaccionários ameaçaram e atacaram a pedradas e garrafadas o grupo do PAIGC, pelo que a polícia teve que intervir, disparando um tiro ao ar para intimidar os agressores.

E assim fica registada a primeira vitória do PAIGC sobre os UDC/UPICV. Estes sentiram-se mais desesperados e a tensão criada a partir dessa data foi de tal forma tamanha que passou a dificultar de certo modo a acção dos simpatizantes do PAIGC.

Os grupelhos eram financiados por "senhores brancos da terra" e alguns dos seus componentes tinham os dias marcados nas folhas de ponto das frentes de "Apoio" sem nada trabalharem.

Nos Mosteiros, onde igual clima se verificava, os saudosistas manifestaram-se abertamente contra o PAIGC e o camarada Domingos Nicolau Lopes Teixeira, ao tomar a palavra no acto de recepção do Governador, foi interrompido pela população com apitos e toque de tambores.

Por seu turno, o grupelho reaccionário gritava vivas a Portu-

gal e abaixos ao PAIGC.

Entretanto, anuncia-se a próxima vinda para o Fogo do camarada João José Lopes da Silva (Jota Jota), a fim de criar uma direcção do Partido na Ilha. O grupelho, tendo conhecimento desse facto, prepara-se, munindo a sua "força armada" dos habituais utensílios de agressão para irem recebê-lo no aeroporto. Mas, para a sua decepção, o camarada Jota Jota viria um dia depois tendo desembarcado calmamente e ficando ileso.

Os saudosistas receberam assim mais um "golpe" e, logo que tomam conhecimento da chegada do 1º Responsável do Partido, ordenam aos seus "executores" que invadam a casa onde esse camarada se achava instalado, atacando-a a pedradas e garrafadas.

É agora (com a chegada do camarada Jota Jota) que a luta política do Partido se desencadeia verdadeiramente na ilha do Fogo.

Logo à sua chegada, ao 1º Responsável do Partido foram apresentados alguns simpatizantes do interior, entre os quais António Dada e João Augusto Vieira Andrade, (de Luzia Nunes), José Barbosa Vicente e Adérito Marcelino do Canto (de S. Jorge), Bartolomeu Gonçalves Barros e outros de S. Lourenço.

Nessa altura o camarada Jota Jota é auxiliado de perto pelo camarada Espírito Santo que esteve no Fogo durante um ou dois meses e pelo grupo de jovens simpatizantes já referido.

Estabeleceu-se a sede da Direcção do Partido na antiga casa do Sr. João Lúcio de Sousa, passando depois sucessivamente para a casa pertencente a Carlos Lopes, na Avenida A. Cabral, para o prédio onde actualmente funciona a direcção Local dos Assuntos Sociais e finalmente, para o edifício onde se encontra hoje instalada.

Em Outubro foi constituída a primeira Direcção Regional do Fogo do PAIGC, integrada pelos seguintes membros: João José Lopes da Silva, Alberto Koenig, Nezy Brito, Sérgio Silva Cardoso, Manuel Joaquim Tavares, Anatólio Fonseca e João Pedro Correia.

As actividades do Partido estenderam-se então a toda a ilha, com a participação, em S. Jorge, Galinheiro e Ponta Verde, dos camaradas Adérito Marcelino do Canto e José Barbosa Vicente, em Monte Tabor e Stº António com Domingos Barbosa da Silva e Clarimundo Barbosa da Silva, em Luzia Nunes com António Leopoldino Santos Barros e João Augusto V. Andrade, nos Mosteiros com os camaradas Olímpio Lopes Varela e Remígio Vieira. De se registar também os nomes dos camaradas Fausto Carlos Barros Silva e Guilherme José Canuto cujas

actividades foram notórias.

Através de reuniões, manifestações, exibição de filmes e slides, distribuição de manuais e outros meios de propaganda, o Partido foi implantando-se cada vez mais no seio das massas, vindo a ser proclamada a povoação de Cova Figueira como a primeira "zona libertada" por ter sido a primeira a dar adesão total ao PAIGC. Seguiria à Cova Figueira a povoação de As-Hortas.

As visitas de mobilização feitas no interior nem sempre foram bem acolhidas pela população, em especial na zona de S. Lourenço, núcleo do domínio dos morgados de Pico Pires e Pombal.

Em Agosto de 1974, chegaria ao Fogo o Administrador Vitória que traz consigo uma certa euforia e parece convicto de que o Partido era a única via para Cabo Verde; porém, influenciado por pessoas várias, acabou por perder todo o entusiasmo e virar a "casaca" num curto espaço de tempo. Entre estas influências estaria a do reaccionário Gumercindo Chantre que por essa altura visitou esta ilha.

De frisar também, a atitude dum major do exército colonial português que, de passagem por esta ilha em visita, mandou arrear todas as bandeiras do Partido que estavam hasteadas no percurso Mosteiros / S. Filipe, o que provocaria uma séria conversa entre o major e o Responsável Político na residência oficial em S. Filipe. Finda a entrevista, o militar veio a ordenar que fossem de novo hasteadas todas as bandeiras do Partido.

Algum Tempo depois, visitaria o Fogo, acompanhado de uma delegação, o Major Pamplona, do exército colonial português, visita da qual resultaram confrontações entre os grupelhos e o Partido.

Durante o desfile das massas pela Avenida Amílcar Cabral, então realizado, verificou-se que a bandeira do Partido tinha sido hasteada no lugar de honra, acompanhando a portuguesa. Os grupelhos, vexados com este facto, mandaram ao seu "executor" Juvenal Gomes Miranda que arreasse a bandeira do Partido, mas a sua crassa ignorância fê-lo retirar a portuguesa.

O ridículo desse acto provocou uma grande hilaridade e grande júbilo entre os simpatizantes do Partido.

O Major saíria da Ilha convencido da força e do prestígio de que gozava o PAIGC no seio da população. O Partido vai-se impondo dia-a-dia, como vimos, organizando greves, manifestações e outros actos demonstrativos da sua força política, reunindo à sua volta grande parte dos funcionários públicos.

A 3 de Novembro de 1974, como resultado da inextinguível luta política desenvolvida pelo Partido, chegaria ao Fogo o camarada Pedro Pires que foi recebido com dignidade e entusiasticamente pela população do Fogo e pelos simpatizantes que se organizaram para lhe dar uma recepção calorosa. Percorreu diversas ruas da cidade de S. Filipe e proferiu, finalmente, uma memorável alocução da varanda do 1.º piso do edifício onde funciona hoje o Secretariado Administrativo, por se ter recusado a utilizar o "Salão Nobre" que se achava engalanado devidamente para o efeito.

A sua brilhante alocução foi largamente apoiada pela população e este facto, mais uma vez, abalou profundamente os grupelhos fantoches que se sentiram profundamente derrotados embora sem se desarmarem; ligam-se então os dois grupelhos, UDC e UPICV, ficando a prevalecer o nome do segundo.

Para atenuarem essa derrota e no intuito de alargar a sua afirmação, convidaram a visitar o Fogo o seu dirigente Leitão da Graça que, desembarcando nos Mosteiros, teve largo acolhimento pelos grupelhos dessa área que se encontravam devidamente preparados para lhe dar recepção.

Por seu turno a administração colonial, sediada em S. Filipe destacou para os Mosteiros um camião e um condutor oferecendo, assim, apoio logístico ao chefe dos grupelhos reaccionários.

Leitão da Graça, apesar das muitas resistências oferecidas pela população de Cova Figueira, conseguiu chegar a S. Filipe, protegido pelos seus adeptos que se haviam preparado para "dar resposta" aos simpatizantes do PAIGC. No entanto, tal não aconteceu. O teor da sua alocução não teve o condão de chamar a si nem mesmo a parte "branca" da população da ilha. Não saiu da cidade para visitar qualquer região do interior e, a certa altura, exigiu desesperadamente o seu regresso à Praia, o que fez sem que ninguém tivesse tomado conhecimento.

Mais uma jornada fracassada para os UPIC - Udecistas que estavam convictos de que iriam derrubar o Partido.

Faltando-lhes a força da razão para se imporem; conscientes, por um lado, da influência crescente do PAIGC no seio da população e, por outro, da notória fraqueza (diluição) das autoridades administrativas e policiais do Governo Colonial - com que contavam como base de apoio -, os grupelhos neocolonialistas sentiram-se ainda mais desesperados, pelo que resolveram recorrer à força das armas

como último recurso para tentarem destruir o Partido e as vitórias deste.

Entretanto, "esperando o melhor mas preparando-se para o pior", o Partido toma as suas precauções. Assim a 14 de Dezembro de 1974, no decurso de uma reunião realizada no Ciné-Fogo, é criado o primeiro corpo de Milícias Populares que seria orientado pelo Camarada Arlindo Cardoso e cujo objectivo seria manter a ordem pública, o prestígio e as conquistas do Partido na ilha.

No entanto, na mesma reunião é redigido um telegrama que seguiria para a Praia no dia seguinte. Este telegrama exigia a tomada de providências urgentes com vista a assegurar a ordem pública e a integridade física dos simpatizantes do Partido, sob pena de estes tomarem as suas próprias medidas.

No dia 16 de Dezembro, pelas 19 horas, aproximadamente, o "comandante" Juvenal e o seu grupo cercaram a casa do Sr. João Brito onde se encontrava o camarada Jota Jota, acompanhado de simpatizantes do PAIGC, tendo o "chefe" do grupelho armado disparado cerca 6 ou 7 tiros com o fim de atingir o camarada Jota, sem no entanto ter conseguido. Após esse incidente, os simpatizantes e o camarada Jota dirigiram-se à Esquadra Policial a fim de aí comunicarem o que havia sucedido tentando fazê-la assumir as suas responsabilidades.

Porém a polícia, "entre a espada e a parede", nada decide de concreto.

Cerca das 21 horas desembarcava no Porto de Vale dos Cavaleiros desta Ilha um grupo de elementos do MFA enviado da Praia para manter a ordem e segurança na Ilha do Fogo, em resposta ao telegrama do PAIGC. Antes de os elementos do MFA terem desembarcado e iniciado as suas actividades, os simpatizantes espontaneamente já tinham efectuado algumas prisões nos arredores de S. Filipe, no que seriam apoiados por dois agentes da polícia após muita insistência do Responsável do Partido.

É, contudo, com a participação do MFA que a ofensiva se generaliza; as prisões continuam noite adentro e no dia seguinte, altura em que é detido na Esquadra Policial do Fogo o então Administrador do Concelho, Jorge Vitória.

Nos Mosteiros, prisões idênticas tiveram lugar, começando pelos proprietários Carlos B. Andrade e Silvério Lopes Teixeira. Com a prisão dos dois proprietários, a população dos Mosteiros passou

a ver melhor a dimensão política do Partido e os saudosistas enteraram o seu "machado de guerra" não manifestando em público as suas ideias contra o Partido.

Com a prisão do então Administrador, este foi substituído por um camarada designado pelo Partido e posteriormente foi criada uma comissão administrativa que funcionava até Novembro de 1975, data em que se criaram os Conselhos Deliberativos e Secretariados Administrativos, tendo à sua frente um Delegado da Administração Interna.

O Partido tomou assim maior dimensão, controlando política e administrativamente a Ilha.

O dia 16 de Dezembro marcou uma data importante na vida do Partido no Fogo, na medida em que esta grande vitória provocou uma grande viragem histórica na mobilização nesta ilha, colocando os grupos fantoches no respectivo lugar: os caixotes de lixo da História. Pelo seu significado, o dia 16 de Dezembro é mais tarde proclamado "Dia do Município".

Chega agora a altura em que o Partido se implanta com total domínio sobre a Ilha. Passados os momentos difíceis de provocações, tiroteios e emboscadas, o Partido alarga o seu leque de mobilização implantando-se em toda a ilha, lutando no entanto com a falta de quadros devidamente preparados, o que dificulta a sua acção.

No mês de Março de 1975, 15 militantes foram enviados à Cuba para aí receberem preparação militar.

Entretanto, do ponto de vista organizativo, o Partido apresentava deficiências várias, o que de certo modo se compreende. Não havia Comitês de Secção e os Comitês de Base, que não ultrapassavam uma vintena e se achavam espalhados pela ilha (os primeiros a serem criados foram os de Vila Rica, Vila Baxo e Sta Filomena em S. Filipe), funcionavam deficientemente sob a coordenação de 4 Sectores (S. Lourenço, N.ª Senhora da Conceição, Sta Catarina e N.ª S.ª da Ajuda) que não estavam à altura das suas funções. A entrada para o Partido fazia-se sem rigor: os milicianos e as pessoas que falavam bem do Partido podiam ser "militantes"; não havia processos de admissão (aliás faltavam documentos e orientações necessários); praticamente não havia actas e relatórios.

Não obstante, o Partido conseguiu pôr a esmagadora maioria da população a favor da sua causa, da Independência. Provam-no os resultados das eleições para a Assembleia Nacional Popular que puseram

em evidência a identificação das largas massas populares - que ocorreram na sua quase totalidade às urnas - com os ideais do Partido.

Volvidos meses após a Independência e por decisão da Direcção do Partido, o Camarada João José Lopes da Silva deixaria a ilha para desempenhar, na Praia, o cargo de Comissário Político Nacional das FARP e Milícias, sendo substituído, nas funções de 1º Secretário Regional do Partido, pelo Camarada Olímpio Varela.

Faziam ainda parte da Direcção Regional os Camaradas Rolando Lima Bárber, João Rosário, António Leopoldino Santos Barros, Padre Paulino, Padre Fidalgo, Augusto Sérgio, João Pedro Correia e Anatólio Fonseca.

O panorama organizativo pouco mudou entretanto. Os grupos (que possuíam um baixo nível organizativo e não conheciam suficientemente o papel que lhes era reservado) eram coordenados pelos Comités de Sectores já referidos, os quais não puderam elevar grandemente o perfil dos Grupos e a sua própria capacidade de intervenção. As suas actividades, até fins de 1975 e princípios de 1976, resumiam-se a campanhas de mobilização e propaganda dos objectivos do Partido no seio da população e nada ou quase nada ficava escrito que pudesse testemunhar a realização das suas actividades.

Deixando-se cair frequentemente no amorfismo e no imobilismo, as estruturas alegavam falta de directivas.

A entrada no Partido continuou a fazer-se sem qualquer rigor. Ao cidadão que se apresentasse dizendo querer entrar, bastava preencher uma ficha Biográfica e era logo considerado militante. Não é de se estranhar que, até fins de 1976, a Região do Fogo contava já com mais de quinhentos (500) "militantes" do Partido. Claro está que para lá da euforia, é necessário muito mais.

Em 1975 os militantes do Partido realizaram entretanto uma campanha agrícola voluntária em várias zonas, nomeadamente S. Lourenço, Pé-do-Monte, Cerrado-Norte, João Pinto, Almada, Penteada, Lúzia Nunes. Felizmente houve uma das melhores "as-águas" (milho, feijões, batatas, em abundância) embora continue (até agora) a haver dúvidas acerca da correcta utilização dos resultados desse importante trabalho produtivo.

Sem que houvesse uma verdadeira organização Juvenil, o trabalho com a Juventude, orientado directamente pelo Partido, teve resultados satisfatórios, contribuindo para uma grande dinamização cul

tural, desportiva e recreativa. A organização dos Pioneiros conheceu por seu turno, um avanço interessante, ao qual não se pôde dar a devida continuidade nos anos seguintes.

Assim foi andando o tempo até que, nos finais de 1976, chega à ilha o camarada José Eduardo Barbosa, para encabeçar a Direcção Regional do Partido, cuja composição praticamente não sofre alteração.

A primeira iniciativa de vulto desse camarada foi, para além dos contactos tidos com os militantes, população, estruturas e de outras actividades, a realização do 1º seminário Regional de Organização, com o fito de suprir as carências que se faziam sentir nos domínios de organização e superação política e ideológica dos quadros.

O Seminário, que contava com a presença de dois dirigentes do Partido, realizou-se de dois a sete de Abril de 1977, na cidade de S. Filipe, com a participação de 43 camaradas: membros do Comité Regional, responsáveis de sectores e militantes de base.

Foi neste 1º seminário realizado na ilha que se passou a conhecer os Estatutos do Partido, em particular o organigrama deste, esclarecendo-se, assim, como funcionavam os diferentes órgãos do Partido, como estavam interligados hierárquicamente e quais as respectivas atribuições.

Também foi este seminário que abriu novos horizontes aos militantes, ao mostrar-lhes a essência e a importância do Partido bem como as vias para a materialização prática dos princípios e dos objectivos do Partido.

Em suma, os seminaristas saíram enriquecidos e passaram a apreender melhor o que era o Partido.

Pouco depois da realização do seminário, com os 12º quadros formados, criaram-se novos grupos, em localidades mais distantes, e as Secções, que dantes não existiam no Fogo. As primeiras Secções criadas foram as de Lagariça e Luzia Nunes (actualmente "Oswaldo Vieira") dirigidas pelos camaradas António Lobo e Alberto Alves, respectivamente. Com as experiências adquiridas foram criadas Secções noutras zonas do Fogo: Curral Grande, Galindo e finalmente em S. Filipe, Mosteiros e Centro Sul. Assim, o Partido na Ilha ganhou um novo impulso e as Secções passaram a dinamizar melhor os Grupos, ao mesmo tempo que serviam de elo de ligação entre estes e Sectores.

A entrada para o Partido passou a ser feita mediante um processo de candidatura, feito pelo interessado que é admitido no Grupo como candidato.

Já em 1978, com as primeiras exigências que foram feitas em relação às estruturas e aos militantes, os efectivos reduziram-se para 561, sendo 282 militantes e 222 candidatos e simpatizantes. Do total, 71 eram mulheres.

Havia nove (9) Secções, 44 Grupos de Base e 4 Sectores.

É de se lembrar que, depois da vinda do Camarada José Eduardo Barbosa, as ligações escritas melhoraram grandemente. As estruturas passaram a elaborar actas, relatórios e boletins informativos. A Direcção Regional passaria a dispor de uma secretaria razoavelmente organizada e apetrechada para os trabalhos burocráticos da Direcção Regional.

Por outro lado, criam-se Armazéns de Troca e Venda e começam a implantar-se Organizações como a JAAC, a Comissão Organizadora das Mulheres e Comissões de Assuntos Sociais.

Concluída a sua missão, o camarada José Eduardo Barbosa é substituído pelo camarada Joaquim Neves que toma posse em Fevereiro de 1979.

Durante a comissão deste último camarada, registaram-se avanços significativos em especial nos domínios de organização e funcionamento do Partido, formação dos efectivos, implantação e melhoria do funcionamento das organizações de Massas e de participação popular. Os princípios de organização e funcionamento conheceram melhor aplicação, sem que no entanto fosse possível evitar ou ultrapassar o clima de confrontação e intrigas entre militantes que passou a reinar na Região, em particular na cidade de S. Filipe, originando falta de coesão interna e desmotivação ou desmobilização de muitos membros do Partido. Conseguiu-se pôr de pé as Conferências de Secção, reestruturaram-se os Sectores - que melhoraram a sua capacidade de intervenção -, melhorou-se o funcionamento dos grupos e aumentou-se o número destes. O crescimento do Partido processou-se de forma mais orientada, subsistindo no entanto deficiências, quer no que concerne à observância do critério da qualidade quer no que respeita à capacitação dos candidatos antes da entrada efectivamente para o Partido. O crescimento numérico foi satisfatório, mas o amorfismo e a irresponsabilidade de grande parte dos efectivos em relação ao cumprimento dos seus deveres (quotização, participação nas reuniões e activi-

dades, etc) constituíram sérios entraves à afirmação do Partido enquanto vanguarda e força política dirigente. As acções de formação foram múltiplas e tiveram efeitos positivos não logrando, contudo, preparar a grande massa militante e as organizações de base para a superação das inúmeras insuficiências que a vida militante e a acção das bases do Partido comportavam (cumprimento das exigências estatutárias, ligação com as massas, etc).

A JAAC-CV conheceu uma evolução positiva, enquanto que a OMCV não conseguiu mais do que marcar passo; implantaram-se Comissões de Moradores, Tribunais de Zona e Comissões de Assuntos Sociais, cuja acção - conquanto positiva - se viu limitada pela falta de formação dos seus membros e por deficientemente acompanhamento do Partido e dos Departamentos Estatais competentes em razão da matéria.

Não obstante as insuficiências apontadas, o período compreendido entre Fevereiro de 1979 e Setembro de 1981 - altura em que o camarada Joaquim Neves é substituído no cargo de 1º Secretário Regional pelo Camarada Bartolomeu Varela - marcou uma etapa importante na evolução do Partido que deu um salto qualitativo considerável no sentido do aperfeiçoamento do seu aparelho e da melhoria da sua acção.

Camarada Presidente

Camaradas Delegados

Numa breve retrospectiva, vimos desfilar no ecrã das nossas mentes as várias etapas da evolução do Partido nesta ilha. Esta análise é decerto, incompleta comportando várias insuficiências - tudo isso decorrente do facto de se tratar de uma abordagem única no género feita até então na Região, tendo como única fonte de pesquisa a memória de um grupo de camaradas que, tendo acompanhado de perto a evolução do Partido na Região do Fogo, desde o início, prontificaram-se em dar o seu contributo na elaboração desta resenha.

Entretanto, pensamos que o que fica dito dá-nos bem a ideia do caminho percorrido até ao presente, das dificuldades encontradas nessa trajetória e das contribuições legadas em cada uma das etapas da luta.

Conhecendo melhor o nosso passado, estamos em melhores condições para nos situarmos no presente e podermos projectar o nosso futuro na linha da continuidade do que fomos e do que hoje somos.